

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSE DE SOUSA

Proprietário da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.791

Quinta-feira, 25 de Setembro de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Café da Combrão, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5330-C

Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 11 e 13

Realiza-se hoje, no Teatro Nacional, às 20 horas, um comício contra as "fôrças vivas"

DEVE-SE ANDAR ARMADO?

No Primeiro de Janeiro, o sr. M. J. da Silva, tem defendido como uma das medidas a adoptar para diminuir as agressões do morto que se tem dado com tanta frequência, a da proibição do porte de armas. Parte do princípio do que, se ninguém se armasse, também ninguém precisaria de andar armado para se defender das agressões dos outros.

Mas houve quem lhe objectasse e muito bem que, mesmo assim ficava ainda a polícia armada, a guarda republicana e o exército. M. J. da Silva reflectiu o respondendo o seguinte: sim senhor, polícia armada, não devia haver, e foi dizendo que a liberdade tal como é compreendida na Inglaterra, permite que a polícia não ande armada.

A verdade é que a preocupação de se andar armado provém da necessidade de nos defendermos dum perigo, e até dum perigo de morte. Dantes eram nas viagens longas, em diligências morosas, os assaltos dos ladrões. Hoje há ainda as rixas, as ameaças. E há — como muito bem objectaram os contradiutores do propagandista do desarmamento dos particulares, provavelmente como primeiro passo para o desarmamento das nações, além de todos esses perigos o perigo da própria polícia e da guarda republicana.

Que o digam os Olivais e Silves.

Em França, contra os assaltos e as brutalidades da polícia, em tempos, os operários organizaram uma "jeune garde" que muito deu que fazer aos guardas policiais, e por várias vezes os embarcou e impediu nas chacinhas que pretendiam realizar.

É estúpido que alguém se veja na necessidade de, para defender a sua vida, suprimir a do semelhante, mas isso não é senão um sinal dos tempos que atravessamos.

Ninguém deveria andar armado, estamos de acordo. Mas se ficarmos armados os policiais e a nossa vida pode ficar a mercê deles, o

próprio instinto de conservação aconselha a resistência e tanto quanto possível em condições de igualdade.

Além disso se se tornar ilegal o uso das armas, não quero isto dizer que não haja quem venha a usá-las ilegalmente e a servir-se delas atacando as pessoas inofensivas. Portanto, até que seja possível dispensar-se inteiramente de defesa contra o nosso semelhante parece ser uma elementar prudência o precavermos-nos contra a investida dos que pretendam atacar contra a nossa vida.

Reduzir a faculdade de se andar armado é um privilégio concedido só a uma minoria restrita para os poucos de harmonia com o espírito da própria democracia. Só as autocracias têm receio de que o povo se arme. A liberdade dos povos mede-se precisamente pela possibilidade que eles têm de a defender. Todo o povo que pode transformar-se rapidamente numa milícia armada e onde não há exército permanente tem todas as condições materiais para se não sujeitar ao jugo dos senhores. Com uma condição, bem entendido: a de ser um povo consciente, capaz de se insurreccionar contra a opressão.

A preocupação de se abolir neste momento o direito do uso e porte de armas só pode interessar aos governantes, que supõem assim impossibilitar as revoluções e não conseguem senão torná-las mais militares, dividindo o exército e destruindo o que eles chamam a disciplina da tropa. Numa época em que tanto se fala em ditaduras, em violências contra o povo, em que a perseguição aos operários toma uma intensidade como se não chegou a ver no tempo da monarquia, afigura-se-nos perfeitamente idílica esta ideia da renúncia das armas, como se pretendessem o papel de mártires.

Todo o homem tem a obrigação de defender a sua vida e a do seu semelhante. Dentro da lei se a lei lho permite. Se lho não permite, então contra a própria lei e por todos os meios ao seu alcance.

A ESPANHA MARROCOS RIVERA EM CHEQUE

Quando o general espanhol Primo de Rivera, cujos principais méritos militares consistiam em algumas conquistas de mulheres de vida fácil, se propoz — dizia ele — libertar a Espanha dos políticos e restituir à monarquia o seu antigo prestígio, logo nos pareceu que esse gesto acabaria por comprometer a própria monarquia e auxiliar a obra de libertação do povo espanhol. Tudo parece indicar que assim será. Porém, antes disso, uma outra obra de justiça se realizará, a da independência da região do Rif, que a ditadura do militarismo espanhol tem esmagado impiedosamente.

Assim será completa a demonstração de que não são os governos de força, sempre prontos à violência os que triunfam no momento actual. Pelo contrário, toda a gente vê claramente que o domínio espanhol em Marrocos teve um temperado por uma certa docilidade e tolerância, a Espanha não seria agora escuraçada pela indignação dos "rifinos". O que a pressa a independência destes é precisamente o ódio que o militarismo espanhol conceitou contra a Espanha.

Primo de Rivera tem de ir até à última transigência, perder a guerra de Marrocos e fazer perder à Espanha o domínio sobre o Rif. E de-se este paradoxo supremo, o de se pretendido dar uma lição aos políticos e estender-se raramente como general, sendo caso para reclamar agora um político para comandar as tropas.

Primo de Rivera, cãbr e, com ele, entrará a ditadura militar. Alfonso XIII chamará antes, por ventura ainda, um general e preparará a rejeição do parlamento. Que se passará depois? Subordinar-se-ão os políticos de Espanha, alguns deles já comprometidos por afirmações a respeito do rei a reconhecerem a situação irregular em que se passou a vida política espanhola dos últimos meses? Ou, pelo contrário, aproveitarão a reunião do parlamento para manifestarem o seu completo desacordo com o procedimento do rei e do Directório, abrindo assim uma crise dinâmica que não poderá terminar senão pela proclamação da República?

mesmo que nenhuma delas chegue a dar-se, se acaso a revolução que toda a gente espera a cada momento vier a produzir-se antes que o parlamento espanhol volte a reunir.

E precisamente para conjurar essa revolução que se dará a demissão de Primo de Rivera. Por enquanto quem está mais em cheque é o ditador. Para ganhar tempo, no seu jogo de xadrez, Alfonso XIII vai deixar correr essa pedra. Mas é fora de dúvida que virá a sofrer um cheque ao rei de várias circunstâncias dependendo porém que seja um cheque-mate.

Em Tanger há grande agitação contra os espanhóis. TANGER, 24.—Oitenta rebeldes armados atravessaram a fronteira da zona internacional. Há grande excitação entre as populações fronteiriças que desejam unirse aos rebeldes. A polícia de Tanger esforça-se para acalmar os ânimos.

As forças espanholas começaram uma ofensiva que até agora têm quebrado a resistência dos rebeldes, na direção de Ouessum. A presença do general Primo de Rivera tem melhorado o moral das tropas.

Abd-el-Krim mostra desejos de entrar em negociações embora deseje de ver a vantagem que até agora conseguem obter explorando condições para depor as armas. O presidente do directório está porém resolvido a esperar o resultado da actual ofensiva para depois entrar em negociações.

O BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Porque motivo João Ulrich foi saudar o novo Alto Comissário—Quem deu vida e força aos especuladores da guerra e da paz—Porque razão não se fazem transferências—Como o Banco negocia com os produtos de Angola—As vítimas da especulação

Quando esse Régio Chaves, cuja vida ministerial aqui tem sido historialmente largamente, tomou posse do seu cargo de Alto Comissário da República na Província de Angola, entre as pessoas que assistiram, como é de costume, a este lúcido acto, encontravam-se algumas figuras suspeitas.

Não fazia parte desse grupo suspeito, o sr. Baptista Franque que, no meio dos cumprimentos hipocríticas e mesuras oficiais, fez ecoar a sua voz — repleta de todas as dores, de todas as revoltas do povo de Angola. Não, esse não era suspeito — esse era o mais puro, o que tinha mais clara a alma, entre as consciências negras dos que lá estavam. O homem suspeito, o homem perigoso era aquele que de falsas suaves saudades o sr. Francisco Régio Chaves, era o sr. João Ulrich governador do Banco Nacional Ultramarino.

Ele lá esteve no acto da posse do novo alto comissário de Angola; lá esteve a tomar posições, a adular o alto funcionário que oferece flanco fácil onde se pode cravar a seta envenenada da corrupção; lá esteve a assegurar o predomínio moral que mantém na África portuguesa, em Angola, principalmente.

O sr. João Ulrich não foi à solenidade do ministério das Colónias seduzido, atraído pelos lindos olhos do sr. Régio Chaves; foi levado pela necessidade urgente que o Banco Ultramarino tem de procurar a sombra dos homens de destaque na república para abrigar e proteger o seu jugo financeiro repugnante e reles.

O leitor vai aí a qualquer terra da província. Numa das principais ruas da povoação depara com um grande edifício, ornamentado de floreções de pedra, esmagador na sua imponência pétrea.

Reparando bem lá, em douradas letras: Banco Nacional Ultramarino — Filial. Estas letras douradas, de Norte a Sul, de Leste a Oeste, são o troféu constante em todo o país. Fica-se com a vaga impressão de que o Banco Nacional Ultramarino é um formidável bloco de granito que atravessa a nação, esmagando-a, não a deixando respirar, não lhe permitindo o menor movimento de progresso, impedindo-lhe a marcha para o bem-estar e para a liberdade.

E essa impressão que o exterior dos grandiosos edifícios do Banco Ultramarino nos dá, corresponde a uma verdade absoluta.

De facto, o Banco Ultramarino não tem tido outra missão — senão a de asfixiar o país, sugando-lhe as melhores energias vitais na metrópole, impedindo-lhe o desenvolvimento económico, nas colónias.

Diz-se que a missão das instituições bancárias é facilitar o movimento comercial, industrial e económico não só dentro do país onde têm a sua sede, como no estrangeiro. Durante e após a guerra o Banco Nacional Ultramarino levou a sua missão até ao exaustivo.

Aquele legião ávida e desvorada de comerciantes milicianos que as dificuldades económicas provocadas pela guerra, fez surgir por esse país, como um enxame de vespas que caíse, a uma, sobre o corpo desarmado do povo, enfiou, para se atascar mais na lama da especulação, exigia desse comerciante partilha dos lucros!

Esta maneira infame, servindo-se destes baixos processos, o Ultramarino amamentou durante e após a guerra essa casta parasitária de especuladores da fome, de negociantes da miséria popular, de comerciantes milicianos, de novos ricos, que tiveram a sua época áurea, pecando as terras caras, os ca-

mercial, industrial e económico não só dentro do país onde têm a sua sede, como no estrangeiro. Durante e após a guerra o Banco Nacional Ultramarino levou a sua missão até ao exaustivo.



Sede do Banco Nacional Ultramarino em Lisboa

contro no Banco Ultramarino o maior, o mais poderoso auxiliar.

Sabe-se como se faziam então os grandes negócios; sabe-se como esse bando de especuladores jogava na bolsa, no mercado comercial, a pele e os ossos do povo sofrido. Falta o carvão, falta o açúcar, a lenha, o pão, a sola, as batatas — faltava tudo. Um desses negociantes obtinha probabilidades de alcançar, por exemplo, um carregamento de açúcar — no momento em que ele faltava nos lares onde as crianças famélicas o reclamavam. Mas o negociante não tinha capital para fazer o negócio. A compra e respectivo assambarcamento dum carregamento desse precioso género custava alguns milhares de escudos. O comerciante não os tinha. Onde ir buscá-los? Onde estaria a casa bancária capaz de emprestar-lhe tanta grande quantia? Batia-se à porta do Ultramarino. Este examinava o negócio. O comerciante compraria a 5, imobilizava a mercadoria, ou melhor, assambarcava-a durante um, dois, três meses, e depois lançá-la no mercado, com um lucro cerca de 100 a 150 0/0.

Bem, o Banco Ultramarino, não tinha escrúpulo em provocar maior miséria popular, mais difíceis obstáculos à economia do país, e, sem hesitar, auxiliava o comerciante, emprestando-lhe a quantia necessária para o negócio immoral.

signos de batota, os clubes magescos, que corromperam meio mundo, aumentando a legião de prostitutas que enche as ruas das cidades.

Essa foi uma das facetas mais salientes da obra do Banco Nacional Ultramarino, na metrópole.

Foram as saudações do sr. João Ulrich, governador dessa instituição bancária que fomentou a desvalorização, que deu ao rubro um incremento assustoso e causou a ruína dum país inteiro — foram as saudações desse representante da ignominia, que esse Régio Chaves, hoje alto comissário da república em Angola, recebeu com um sorriso condescendente de cortez barata, prestes a cair nos braços do souteneur.

Mas a história do famoso Banco Ultramarino, a quem o mesmo Régio Chaves impudicamente emprestou 500.000 libras (ou sejam 75.000 contos, pouco mais ou menos), não termina aqui. Há mais e melhor.

Vamos aos negócios de Angola. Sem falar no auxílio que o mesmo Banco vem prestando em São Tomé e Príncipe aos brancos que pretendem roubar as propriedades aos pretos, sem analisar a fundo a maneira habilidosa como este subirá aos negros de Moçambique

o outro que vão ganhar no árduo e mortífero trabalho das minas do Rand, sem mexer agora o grande estadista que em Paris lhe defende os interesses imorais, sem falar nessas banalidadezinhas que formam formidáveis escândalos, vamos conversar um pouco, leitor que sustenta esta parasitagem, da situação do Banco Ultramarino na província de Angola.

Tem aquele Banco a incumbência de prover de papel-moeda a província de Angola a fim de facilitar o comércio, a agricultura e as transações com a metrópole. A moeda privativa daquela região devia, como todas as moedas, estar sujeita às cotações da bolsa, única forma de regular — segundo a riqueza da região, a oferta, a procura, etc. — o seu valor, aproximando-o do real. Mas o Banco Ultramarino opõe-se terminantemente a que as notas que não lhe custam outro trabalho senão a estampagem nas suas oficinas, as notas que fabrica com mais facilidade do que os moedeiros falsos, porque não é surpreendido pela polícia, se sujeito às oscilações da bolsa.

Nos tempos normais, quando aquela casa bancária cumpria, tam honestamente quanto lhe era possível, a missão de fazer circular o seu papel-moeda, limitado-se ao lucro que lhe precedia o Estado, quem fosse para Angola trabalhar para sustentar os filhos que lhe ficavam na metrópole, enviava para Portugal, com facilidade, o produto do seu esforço transformado nessas notas do ultramar, que a família, em Lisboa, trocava com uma pequena despreciação, na sede do aludido Banco. Hoje essas relações estão interrompidas ou quase interrompidas. O colono pode ganhar em Angola rios de dinheiro, pode amoniar muitas notas do Ultramarino, porém, quando precisar enviá-las para a metrópole não o pode fazer, sem se sujeitar a uma despreciação de 25 a 30 %. E porque? Porque o Banco Ultramarino não convém.

Vejam agora, leitor amigo, quais são os motivos que levam aquele Banco a impedir as relações financeiras entre a metrópole e aquela província.

Algo o Banco que este estado lamentável de coisas foi provocado pela péssima administração do sr. Norton de Matos. Isto, evidentemente, é o que o Banco diz. Mas entre a verdade e as suas declarações medeia um abismo.

Por muito má que fosse a administração de Norton de Matos, ela nunca poderia impedir que a troca da moeda se fizesse. Poderia desvalorizá-la, poderia fazer com que um escudo de Angola correspondesse, por exemplo, apenas a cinquenta centavos, mas não interromperia a troca, senão num caso de bancarrota. Não está desvalorizada a moeda portuguesa em relação à britânica? Está. E, entretanto, as relações financeiras entre Portugal e a Inglaterra não se interromperam.

Não se fazem transferências de dinheiro de Angola, porque, à sombra dessa dificuldade o Banco Ultramarino faz um negócio formidável. Vejamos qual o género desse negócio, e exemplifiquemos, para melhor compreensão do assunto.

Temos a casa A, de Loanda, exportadora de cera, que está em transacções com a casa B, de Lisboa. Embarcou para esta cidade, imaginemos o valor de 50 contos. Como é uso no comércio, estas transacções fazem-se por meio de letras. A casa A, após o embarque, passou sobre a casa B, de Lisboa, um saque de 50 contos.

Como é uso ainda no comércio, a casa A, de Loanda, dirigiu-se à filial do Ultramarino para descontar essa letra de 50 contos, porque tem um pagamento urgente a fazer a casa B, de Lisboa, um saque de 50 contos.

Como é uso ainda no comércio, a casa A, de Loanda, dirigiu-se à filial do Ultramarino para descontar essa letra de 50 contos, porque tem um pagamento urgente a fazer a casa B, de Lisboa, um saque de 50 contos.

O que sucede com a cera, sucede com inúmeros géneros de Angola, com os quais o Banco Ultramarino tem ganhos rios de dinheiro.

Os porquê motivo o aludido Banco não quer que a moeda de Angola se sujeite às oscilações da bolsa? Eis porquê motivo o sr. João Ulrich, governador do coio da especulação, levou ao sr. Régio Chaves — tam prestável em negócios desta natureza — o seu melhor sorriso, as suas mais doces palavras e a sua mais calvinista promessa de apoio ao novo Alto Comissário.

E esse Régio Chaves que já lhe emprestou 500 mil libras, irá acobertar os interesses imorais desse Banco que tanta miséria produz e tanta lágrima está fazendo chorar, aos filhos das colónias que fartos de trabalhar em Angola, não lhes podem enviar com que matá-los fome, nem com que cobrir-lhes as carnes tenras.

Mario DOMINGUES

NA RUSSIA SOVIETICA A FALENCIA DA EXPERIENCIA COMUNISTA

Um libelo baseado nas declarações do secretário geral do Partido Comunista Português há pouco regressado da Rússia

deitando-se a revolução russa. A emancipação do proletariado fez-se, por meio da posse do poder político, como manda a lógica marxista, por meio da ditadura do proletariado como pede a lógica marxista; e o Estado atinge o máximo da sua importância e do seu engrandecimento na vida social, como a lógica marxista exprime. E depois? Depois, temos politicamente um regime de que a liberdade de opinião foi banida, pois é livre a opinião do Estado. O Estado é comunista e a única opinião livre é a comunista. Opiniões antagónicas são consideradas contra-revolucionárias e como tal implacavelmente perseguidas.

A imprensa não comunista é restringida. As suas tiragens primeiro e suprimida depois, não faltando o cenário das violências usuais: jornais assaltados e destruídos, e jornalistas presos e injuriados de todos os lados sobre os vendidos. Associações, centos partidários foram encerrados ou arrasados. O sol comunista brilhou, só e livre, em todo o seu sangue esplendor. As cadeias encheram-se de presos e a "chekka" que é uma feroz polícia de segurança do Estado tornou-se uma polícia privilegiada e poderosa, fardada com uma elegância quasi única em toda a polícia política do globo. As revoltas, fosse de que lado fossem foram sufocadas com brutal violência a que não faltaram massacres e fusilamentos.

Os processos sumários para os acusados, e quando convinha aplicava-se a pena de morte — essa pena de morte que a todo o revolucionário, que a todas as consciências livres deste país tanto repugna.

Criou-se um exército poderoso. Cercou-se, com a maior violência a introdução na vida pública, monopólio exclusivo de 600.000 pessoas sobre um povo de 130 milhões de homens: A vida política restringiu-se ao partido comunista e neste facilmente se caía no desagrado — acusação de traição, ordoxista, indisciplinada — no castigo e na irradiação.

Vejam como se reflecte na vida económica russa este espelho político.

Antes da revolução — nível operários assalariados — depois da revolução há operários assalariados. O czarismo não reconhecia o direito à greve. O bolchevismo considera todas as greves contra-revolucionárias. A prostituição, um dos mais aviltamentos humanos, existia no império, persiste no sovietismo: Sob o czar, mendigos, sob o Lenine, mendigos. A caridade, instituição burguesa, vive dos mendigos. Os mendigos em regime soviético, estendem a mão aos camaradas — tavareski em russo — e aos ricos. Sim, aos ricos, porque na Rússia, há ricos e pobres, o comércio é uma realidade e a indústria — a indústria tem como nos países burgueses, homens

condenados, a negra, à tirânica lei do salário que os escraviza.

A propriedade privada é uma realidade que se estende sobre todo o imenso território russo. Há o camponês pobre que aluga os seus braços, para viver, o camponês rico. Há o camponês rico que explora o camponês pobre; há o camponês remediado que pode vir a ser pobre ou a tornar-se rico, há o direito de herança, esse direito monstruoso que cria os privilegiados, pelo nascimento, aos que quando abrem os olhos à luz, já são ricos e os condenados pelo nascimento, os filhos dos trabalhadores, que se desenvolvem e crescem em permanente miséria.

Tracar o quadro da actual sociedade russa, equivale a tracar o quadro da sociedade burguesa. As mesmas lutas, as mesmas misérias, as mesmas dores, as mesmas infidelidades.

Quem promove este libelo? Leitores, tudo o que escrevemos baseia-se no depoimento insuspeito, dum criatura insuspeita. A criatura insuspeita é Carlos Rates, secretário geral do Partido Comunista, há pouco regressado da Rússia. O seu depoimento está publicado nos jornais, sob a forma de entrevistas que, numa conferência pública, Carlos Rates confirmou.

Amanhã examinaremos o que a tirania implacável do espaço não permitiu hoje.

Cataclismos

Uma grande tempestade

NEW-YORK, 24.—Foram mortas 50 pessoas por uma furiosa tempestade que assolou os Estados do Minnesota, Wisconsin e Michigan.

A terra treme

CONSTANTINOPLA, 24.— Houve um tremor de terra na região de Sivas, tendo havido muitos prejuízos e tendo morrido muitas pessoas.

Ver o folhetim na 4.ª página

É JÁ NO DOMINGO QUE SE REALIZA O PASSEIO FLUVIAL com paragem no Porto Brandão

Poucos passeios reúnem, como este, tantos atractivos e diversões. Podemos assegurar, sem receio de desmentido, que a excursão que, dentro de breves dias se realiza ficará, inolvidavelmente recordada, como uma das mais belas tardes de fraternização operária.

Todos os que desejem tomar parte neste passeio, cujo produto reverte a favor de A BATALHA, devem sem demora adquirir os seus bilhetes que estão à venda, nos locais que anunciamos, ao

Preço de 5 escudos

DESASTRES FERROVIARIOS

Impõe-se o dever de criteriosamente serem analisados, para se evitar acusações infundadas, que atingem sem razão, uma laboriosa classe

Vários jornais, alguns da provincia, o que torna o caso ainda mais grave, devido à influencia que exercem nas populações que os leem, ao pronunciarem-se sobre os últimos accidentes ferroviarios, succedidos em linhas portuguezas, atribuem a maior parte de responsabilidade, quando não exclusiva, aos executores dos respectivos serviços, ou seja ao pessoal ferroviario.

Não querendo nós derivar o assunto para a própria estrutura dos serviços ferroviarios, que, por vezes, e em determinadas circunstancias, são duma complicada e atenta execução, que só a pratica e o dedicado desempenho dos ferroviarios evitam mais scenas de lamentação, nem tam pouco demonstramos que os desastres que no estrangiero se dão muito mais annuadamente, que os nossos, de idénticas causas, temos, contudo, de provar a falta de lógica, e até mesmo de escrúpulos, e as consequências que a attitudão poderião advir para os ferroviarios dessa mesma imprensa, que não sabendo ou não querendo colocar as coisas no seu devido lugar, directa ou veladamente indispõem o publico para com tão numerosa e útil classe social.

E' sabido que nas últimas semanas se deram desastres de maior vulto, pelas consequências lamentáveis que ocasionaram.

Entre elles, visto que os restantes somente estragos materiais produziram, destacam-se os de Lamasosa e Belem, succedidos no diminuto espaço de cinco dias, circunstância esta que mais intensificou ainda a impressão dolorosa deixada na população do país, quando do primeiro daqueles.

Claro que estes funestos e desagradáveis casos, em toda a gente provocam a discussão, devido à efervescência dos espiritos, no seio do povo que, extremamente impressionado e desconhecendo dos seus verdadeiros motivos, por uma questão até intuitiva e até certo ponto explicável, ignorando também a envergadura da respectiva industrial julga encontrar o unico causador no empregado, no trabalhador, que a maioria das vezes perde a vida ou fica incapacitado e quasi na miséria, como não é o primeiro caso.

Existir, portanto, paralela e inconscientemente quem alimente tais exposições, para encobrir ou não outros factos, e, ou tremenda ignorância, ou propalada má fé, o que, em qualquer dos casos, merece a nossa attenção e consequente advertência.

Um jornal da manhã, de ontem, em fundo" apela para a disciplina e amor pela profissão dos ferroviarios, como se um facto qualquer isolado, como o de Belem—onde há responsabilidade individual, sendo, no entanto, as circunstancias do desastre envolvidas no já atrás citado e por vezes complicado, perigoso e urgente serviço ferroviario—pudesse servir de base à estigmatização ou pelo menos censura colectiva ao honesto, proficiente e disciplinado trabalho dos milhares de assalariados da mesma industria, tam mal considerados pelas respectivas empresas e até mesmo nos momentos em que uma situação económica os sufoca, como na hora presente que os faz reclamar, eles encontram pela sua frente o indifferente dessa mesma imprensa, que hoje os pretende comprometer, numa attitudão de idéntica parcialidade, collocando-se ao lado daquelas e não aduzindo, como seria lógico e humano, que para um bom desempenho de trabalho se necessita ter o cérebro livre de pressões ou atribuições que causam sempre as situações difficilissimas em que aquelles trabalhadores se debatem. E não nos venham dizer que é o pessoal de máquinas que mais percebe, para destruir esta nossa afirmação, que é, por acidentalmente, aliás, aqui é feita, porque não é só a esse pessoal que está entregue a segurança da circulação dos combóios.

A essa numerosa, desprezada e duma utilidade incontestável, legião de trabalhadores da via, ignorados até do maior numero dos que viajam descançados, e a essa falange de dedicados e simpáticos obreiros, vivendo miseravelmente, desconhecidos do resto do mundo, dormindo numa provável e simples enxerga, sob uma velha e deteriorada barraca; a essas guardas de passagem do nível, suas companheiras, que num matematico e adestrado serviço vigiam constantemente a vida de milhares de criaturas; a todo, enfim, o restante pessoal ferroviario, que responsabilidades não estão in-existent e que tam bem desempenhadas têm sido?

Apresentam-se os casos de agora, como demonstração de falta de disciplina profissional ou attenção pelo serviço?

Pois, à excepção do caso de Belem, que condições especiais de serviço, mais uma vez o affirmam, envolveram, ninguém poderá sentenciar sobre o pessoal, accusando-o de responsável nos

restantes, se os respectivos inquéritos ainda se encontram em curso?

O próprio caso de Lamasosa, cuja responsabilidade querem atribuir ao maquinista do combóio rápido, na mira talvez de se esquivarem ao pagamento das indemnizações devidas, o que não conseguirão, pois, que o mesmo prova a sua inculpabilidade e se encontrava no seu posto, quando no momento em que se dispunha a lançar a mão ao manipululo do volante da alavanca de marcha para cortar a expansão e se desligou a locomotiva do tender, é que foi impedido para este, o que é intuitivo, pelo estrado que se levantou, andando ainda dependurado e com risco da própria vida, no material que circulo ainda uns 200 metros, não é de molde a provar essas asserções que melindrando os ferroviarios, deixam no espirito do publico a convicção de sua culpa unica, o que não é accetável. E se o caso de Lamasosa está nessas condições, quem garante ai que os restantes, quasi todos por quebra de engates, seja por culpa dos ferroviarios e não por avarias no material?

Bom será, pois, que tais afirmações se baseiem em factos e não sejam impulsões por uma questão de sentimento apenas, que, nesse caso, ainda deve revestir-se de toda a verdade e isenção.

E a prova de que o artigo de fundo do jornal de ontem não se baseia na lógica, é que no mesmo jornal, numa outra noticia se diz o seguinte:

"A direcção da C. P. mandou proceder a um rigoroso inquérito acerca das causas que determinaram a catástrofe de Lamasosa, por suspeitar que ela se tenha dado por desleixo ou incúria do maquinista. Se conseguisse provar esta suspeita, a C. P. eximira-se assim ao pagamento das indemnizações às famílias dos mortos, aos sinistrados e aos donos das mercadorias em trânsito."

E' interessante e sintomático. Então como é que se provou, se ainda se está em inquérito, que o maquinista não está no seu lugar?

Não será tudo isto a preparação do ambiente para alguma injusta violência a cometer pela C. P., para se eximir relativamente às referidas indemnizações?

Veremos. Por agora diremos simplesmente que deverá haver mais critério e ponderação no que se escreve sobre casos de certa gravidade como estes.

Acompanhado de alguns dos componentes da comissão administrativa do sindicato do pessoal da C. P. esteve ontem nesta redacção José Agostinho, o maquinista que tripulava a locomotiva que deu causa ao horroroso desastre de Lamasosa.

Veliu solicitar que tornássemos publico o seu indignado protesto contra o facto de pretenderem responsabilizar pelo desastre, quando técnicos de comprovada autoridade, e entre elles o engenheiro Morais de Almeida, cujas declarações foram publicadas no Diário de Lisboa, reconheceram a sua absoluta inculpabilidade no tragico successo.

José Agostinho, ao contrario do que insidiosamente pretendem fazer acreditar, estava no lugar que lhe competia quando a máquina se desligou do "tender".

Tinha aberto o regulador e, quando ia lançar mão da alavanca de marcha, deu-se o "estacão" que partiu a manilha do engate e os fiadores, sendo impedido violentamente para o "tender" por um movimento brusco do estrado que ligava este à máquina e cobria o engate.

Os fiadores, como depois foi constatado por técnicos, estavam por sua vez desalinhados, pois de contrario talvez a máquina se não desligasse do combóio.

Um atentado que fracassou, contra o primeiro ministro francês

PARIS, 24.—Depois de terminar o conselho de ministros de Rambouillet e antes do sr. Herriot sair da sala uma senhora já um pouco idosa de nome Madame Bigot Benjeun aproximou-se dum inspector da policia mostrando-se muito agitada e dizendo-lhe enquanto lhe entregava um revólver carregado que tinha vindo ali para matar o sr. Herriot mas que lhe tinha faltado a coragem no ultimo momento. Foi conduzida a Paris onde declarou que vivia separada do marido que era um bandido que a tinha incitado a assassinar o sr. Briand em 1912 quando elle era presidente do conselho. Declarou que pretendia matar o sr. Herriot por elle proteger os seus inimigos. Tinha perdido a coragem porque o tinha visto sorridente satisfeito e com um modo tão simpático que tinha tido pena dele. Madame Benjeun vai ser submetida a um exame medico legal para se apurar qual o estado das suas faculdades mentais.

Vida Sindical

C. G. T. Conselho Confederal

Reúne na próxima quarta-feira, 1 de Outubro, pelas 21 horas, para tratar de assuntos pendentes e do máximo interesse para a organização.

U. S. O. Conselho de delegados

Reúne hoje, pelas 20 horas, o conselho de delegados, para apreciar os assuntos em trânsito e outros importantes.

COMUNICAÇÕES

Manufactureiros de Calçado.—Reúne em assembleia geral, no passado dia 20, para apreciar diversos assuntos e a circular da Federação de Indústrias, sobre o próximo Congresso.

Em continuação de trabalhos das assembleias anteriores, em que foram largamente discutidas as vantagens do Congresso, foi nomeado delegado a essa magna assembleia o camarada Rosendo José Viana.

Resolvido que o Sindicato apresente ao Congresso uma tese versando sobre "A acção perniciosa dos obreiros na industria", foi nomeada para a estudar uma comissão composta de João Antunes Rodrigues, Francisco dos Santos e o delegado ao Congresso, a qual deve reunir na próxima sexta-feira para dar inicio aos seus trabalhos.

Resolvido ainda nomear uma comissão de propaganda para o levantamento da classe e conseguir a sua sindicalização, devendo reunir, para iniciar os seus trabalhos, quando a direcção a convocar. Apreciação uma carta dos presos de Monsanto, da industria, sobre a exploração de que são victimas por parte do arrematante, sendo nomeados dois delegados para tratar do assunto junto de quem de direito.

Não foram apreciados os relatórios das comissões do ultimo movimento e comissão administrativa devido ao adiamento da hora.

Litografos e Anexos.—Reúne a Comissão Administrativa, que apreciou o estado moral em que se encontra a classe litográfica resolvendo que brevemente se realize uma reunião de delegados de officina, para lhe serem presentes este estado de coisas e ao mesmo tempo assentar uma acção a desenvolver.

Resolvido mais a Comissão Administrativa que realize no proximo dia 2 de outubro uma assembleia geral da classe para lhe serem presentes vários trabalhos que estão em iniciativa.

Resolvido mais lavar o seu mais veemente protesto contra a forma como o governador civil prohibia a reunião de delegados da U. S. O.

CONVOCAÇÕES

Federação da Construção Civil.—Para continuação dos trabalhos da reunião anterior, reúne hoje pelas 21 horas o conselho federal.

Federação dos Empregados no Comércio.—Junta Suk.—Para assunto inadiavel reúne hoje, pelas 21 horas, não devendo faltar nenhum dos seus componentes.

Alfaiates.—Reúne hoje, pelas 21 horas, a direcção.

S. U. da Construção Civil.—Comitê da sede.—Reúne hoje, pelas 21 horas, os delegados de todos os organismos instalados na sede deste sindicato, a fim de se tratar dum assunto muito importante.

Condutores de Carroças.—Reúne amanhã, pelas 21 horas a comissão administrativa com a presença da comissão nomeada na Secção do Póço do Bispo para um assunto urgente que se prende com a mesma Secção.

Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa.—Reúne hoje, pelas 20 horas, em assembleia geral para tratar de assunto de interesse para a classe.

Comissão de Melhoramentos.—Reúne hoje, pelas 18,30 horas, para assunto urgente com a comparência de todos os seus componentes.

Empregados Menores do Comércio e Industria.—Reúne hoje a direcção, às 21 horas, sendo necessária a comparência dos componentes da meza da assembleia geral.

SINDICATOS

DA PROVINCIA

Sindicato Rural de Vila Franca de Xira.—Reúne em assembleia geral, tendo apreciado uma circular da Federação referente ao Congresso.

Foi tomada em consideração tendo sido nomeado Manuel Campino, delegado ao congresso rural.

PRESOS

António José Filipe e Alberto Silva, que se encontravam presos no Governo Civil, foram ontem transferidos para a Trafaria.

A BATALHA

AS GREVES

Empregados de hotéis, cafés e restaurantes

Prossigue, com energia e firmeza, a greve dos empregados de hotéis, cafés e restaurantes. Os grevistas reuniram ontem na sede da U. S. O., a fim de apreciar a marcha do seu movimento. A assistência que era numerosissima, foi exposta pela comissão da União os trabalhos efectuados, notando-se o maior entusiasmo e decisão, por parte de todos os grevistas.

Depois de vários delegados se terem pronunciado ficou assente que a U. S. O. reúna, em conselho de delegados, para tomar decisões sobre o movimento.

—Os grevistas foram, ontem, em numero superior a 300, ao governo civil, visitar os seus camaradas, que se encontram presos nos calabouços. Foi uma interessante manifestação de solidariedade que, como não podia deixar de ser, causou engulhos à policia.

NOTA OFICIOSA DO "COMITÊ" GREVISTA

Em face da attitudão tomada pelas classes trabalhadoras, representadas pela U. S. O., mais do que nunca é necessária energia e firmeza.

Está em jogo o nosso pão. Portanto, ninguém se capacite de que retomaremos o trabalho sem que uma satisfação nos seja dada.

A gorjeta desapareceu, as classes trabalhadoras estão no firme propósito, se nós não tivermos coragem para o fazer, de nos demonstrar que sob essa forma não mais poderemos trabalhar.

—O que é preciso é que todos os grevistas usem de todos os meios, de todos os processos para fazer com que todos os "amarelos" abandonem os seus postos de tração.

Guerra aberta aos "amarelos" e aos patrões!

Queríamos nós que se solucionasse o conflito sem que tivéssemos de exercer uma acção que muitos dizem ser violenta; mas se nos acobardamos amacubamos a nossa dignidade, e por isso temos que lutar sem tréguas para vencer.

Não é só a nossa dignidade que está em jogo, é também a da organização operária. Por tal motivo temos que acompanhar condignamente a acção da U. S. O.

Portanto, que todos se capacitem de que no vencemos a luta em que estamos empenhados ou então as consequências serão muito más.

Isto é um aviso para patrões e "amarelos".

A acção da autoridade não nos intimida, pois se necessário for lotaremos contra todos, porque é preferível morrer lutando do que nos entregarmos cobardemente.

Na guerra como na guerra! Que todos saibam lutar e a vitória será nossa.

O "comitê" está no seu posto. Que o grito de todos seja: Para a frente!

Viva a greve! Viva a solidariedade operária!

O Comitê.

NOTA OFICIOSA DA U. S. O.

A comissão da U. S. O. effectua hoje algumas démarches pelas quais verificou uma resistência surda da parte dos patrões, demonstrando a sua attitudão que a Patronal está exercendo coacção sobre aqueles para cedermos à justa e nobre reclamação dos grevistas.

A uma attitudão destas tem que responder uma acção enérgica dos grevistas para conseguir os seus objectivos.

Verificado o estado de espirito da classe o que dá plena confiança na sua vitória, a União incita todos os camaradas dos Hotéis e Restaurantes a que se mantenham com a maior firmeza, aguardando as resoluções do conselho de delegados da U. S. O. e das suas assembleias, onde só deve ser determinado o caminho a seguir.

Capitães dos vapores de pesca

NOTA OFICIOSA

Camaradas: Os dias vão decorrendo sem que os senhores armadores receiem amanhã o grito do próprio povo contra eles, por a população se encontrar sem peixe no mercado para consumo. Temos sido incansáveis sem receio de desmentido, no caminho a enveredar para levar as coisas a bom fim? Mas os senhores armadores continuam a proteger o assunto se bem que já vissem de há muito que a razão está do nosso lado?

Como foi do vosso conhecimento, estávamos dispostos a seguir o caminho apresentado ao Commissariado dos Abastecimentos mas no momento da nossa última assembleia levantou-se tam grande entrave devido aos senhores armadores que afinal nada se pôde fazer com o principio se tinha pensado. Foi falta de critério? Não. Foi inconsciência? Não.

E' que razões várias foram apresentadas devidas à attitudão dos mesmos armadores que obrigaram a mesma assembleia a revoltar-se de forma a não aceitar quaisquer condições.

O nosso intuito era mostrar ao publico que não atribuisse aos capitães a falta de peixe que amanhã poderá dar-se ao povo trabalhador já está tão habituado a movimentos em que se trava a luta entre o Capital e o Trabalho que deve estar a par da justiça que têm aquelas classes que trabalham.

Os senhores armadores não chegaram ainda a declarar que nos temos razão, mas no entanto, dão a entender que tem vontade de satisfazer a nossa petição. Por isso, camaradas, continuamos a mesma expectativa, aguardando as resoluções do comitê porque já são poucos os dias que faltam para receber do comitê a noticia gloriosa de que alcançamos a vitória. Viva a greve! Viva a Federação Marítima! Viva a Batalha! O Comitê.

A classe dos maquinistas fluviais, que têm mantido a greve dos vapores de pesca de arrasto, resolveu por unanimidade não negociar com os armadores enquanto não estiver solucionado o conflito com os capitães.

Operários barbeiros

NOTA OFICIOSA DO COMITÊ

Este comitê regista e louva a attitudão calma mas firme que a classe tem sabido manter.

Lamentando que os patrões, manifestando um clinico desinteresse pelo nosso justissimo movimento, não tenham ainda retornado o trabalho enquanto aqueles não nomearem uma comissão com poderes concretos para negociar com os vossos delegados.

Muita firmeza, muita solidariedade, camaradas! O triunfo apenas depende de vós!

Viva a greve! Viva a organização operária! O Comitê.

Soldadores de Lagos

NOTA OFICIOSA DO "COMITÊ"

Camaradas: Agora mais do que nunca precisamos de redobrar de vigilância, porque António Joaquim, continúa insistindo rapazes novos para irem para lá trabalhar mesmo com o aumento. Sabemos também que não é só este traidor que nos quer fazer mal. Outros há que ainda estão encobertos. No entanto, este comitê, procurará descobrir os nossos inimigos. O sr. João Mendes faz o possível para não voltar com a palavra aldrá. Mas se ele faz isto, estamos convencidos, que é por ser muito instigado pelos seus acólitos António Joaquim e Afonso Emidio. Este individuo já não se recorda quando foi corrido pelo patrão e que por condescendência passou de encarregado para soldador porque os seus camaradas o consentiram na mesa, tendo-se associado nesta ocasião e nunca chegando a pagar a joia. Não se lembra também que por não saber fazer o trabalho muito o ajudavam para que lhe tivesse algum ordenado. Ah! traidores, traidores...

E le brase-se a gente que este célebre Afonso quando ainda era trabalhador, foi um dos melhores militantes da classe. A vigilância à fábrica deve-se intensificar.

E' preciso muita coragem e muito senso. O patrão anda a provocar nos insultando um e outro. António Joaquim anda por toda a parte a incitar operários para lá irem trabalhar.

Afonso Emidio exerce repressão sobre os seus subordinados, os trabalhadores.

O vosso comitê camaradas, trabalha secretamente para descobrir novos traidores e há-de conseguilo.

Tende confiança na nossa obra porque o programa que temos traçado dá-nos com certeza a vitória completa.

SECCÃO TELEGRAFICA

C. G. T.

Mineiros de São Domingos.—Recebemos postal, requisições e officio. Envia-mos expediente e vamos escrever.

Pessoal das Fábricas de Conservas de Portimão.—Vamos enviar os artigos encomendados e carimbos.

SECRETARIADO NACIONAL DE ASSISTENCIA JURIDICA E SOLIDARIEDADE

Setúbal.—Trabalhadores das Fábricas.—Pedimos que enviem solidariedade para Leandro.

Silves.—Correioiros.—Enviamos resposta ao officio por nós remetido.

Federações

EMPREGADOS NO COMERCIO

A. Machado.—Caldas.—Acusa recalcão velado do correio.

Sindicato de Oitão.—Pedimos vossa attenção para nosso officio n.º 318.

MOBILIARIA

Delegação de Coimbra.—Porto.—Respondam ao officio que enviamos para que possamos satisfazer a resolução do conselho.

O Combóio n.º 6

da hoje e amanhã

no Teatro Apolo

2 ultimas e irrevogáveis

sábado

OS MINEIROS

O Congresso dos Operários da Industria de Calçado, Couros e Peles

Reúne ontem a comissão organizadora que apreciou o expediente que constava de officios de Visen, Lamego, São Tiago de Cacém e Lisboa, dando a adesão e enviando a respectiva cota, tendo a comunicação e sindicato de Lisboa que se apresenta ao congresso uma tese sobre "Acção perniciosa dos obreiros na industria". Aprecia também officios do sindicato da Póvoa de Varzim e Nícleo Federal da Guarda, que dão adesão moral, sendo resolvido officio ao primeiro, sobre a forma de se fazer representar no congresso.

Aprecia os preliminares das teses sobre o meio de baratar o calçado e de garantir o publico do orgão corporativo, o que há de ser apreciado na próxima reunião do Conselho Federal. Espera a comissão que os sindicatos que têm a seu cargo a elaboração de teses a apresentar ao Congresso, se enviem com brevidade para serem publicadas no "Labor Proletário", que deve publicar-se ainda no presente mês.

A comissão de novo roga aos sindicatos que já resolveram aderir ao Congresso, para que lho comuniquem com urgência.

SOCIEDADES DE RECREIO

Grémio do Monte.—Reúne hoje a assembleia geral, pelas 20 horas.

Operários electricistas

Reúne a Comissão Pró-Organização sindical da classe, resolvendo diversos assuntos, devendo apresentar brevemente um relatório dos seus trabalhos a uma reunião magna da classe.

A Comissão volta a reunir no próximo sábado.

TEATRO POLITEAMA

EMPRESA LUÍS PEREIRA * Telefone Norte 3025

Homens — mulheres — crianças

todos devem ir ver

O Homem do Papagaio

Não tem pornografia e tem infinita graça

Notável conjunto com ILDA STICHINI, Tereza, Gomes, Beatriz Delgado, Joaquim Prata, Alvaro de Almeida, Ribeiro Lopes e mais artistas.

PREÇOS POPULARES: Fauteuils, 10\$00 e 7\$00; Camarotes, 3\$00, 5\$00 e 6\$00. Geral, 2\$50.

Contra a empreitada Contra as "forças vivas"

Os tanceiros do Pôrto e Gaia aprovam a sua abolição

Reúne esta classe na préterita segunda-feira em assembleia magna, a qual esteve largamente concorrida.

D'pois de ter sido dado conhecimento à classe das razões para que fôra convocada a reunião, é dada a palavra a J. Martins a qual historia as demarches realizadas pela Federação tendentes a abolir a empreitada na industria.

Usaram da palavra sobre o mesmo assunto Francisco de Sá, Joaquim António dos Reis, Joaquim António da Silva, Carlos Pinto, Tomás de Oliveira, etc., os quaes são unânimes em condenar o trabalho por sistema de empreitada não só pelos prejuizos que acarreta para o lisico, como é também um factor que muito concorre para as crises de trabalho com que a industria é frequentemente assolada.

Depois de convenientemente debatida a questão, Martins apresenta uma moção com as seguintes conclusões:

1.º—Dar o seu apoio à Federação no movimento encetado em favor da abolição da empreitada.

2.º—Dar plenos poderes à comissão de melhoramentos para que a mesma trate de dar andamento aos trabalhos pró-abolição da empreitada.

3.º—Manter-se a classe activa e vigilante para secundar qualquer movimento que a Federação tenha de levar à pratica tendente a acabar com o sistema de trabalho por empreitada.

Usaram a seguir da palavra diversos oradores os quaes defenderam a doutrina contida na moção, sendo por fim a mesma aprovada bem como uma proposta de Tomás de Oliveira sobre os traidores que têm havido ultimamente em diversos movimentos.

Não havendo mais assuntos a tratar foi encerrada a sessão com vivas à organização operária e ao trabalho de jornal.

O direito ao aborto

VIENA, 24.—Os jornais socialistas desta cidade pedem que seja anulada a lei que considera o aborto uma operação ilegal.

Classes que reclamam

Manufactureiros de Calçado de Guimarães

GUIMARÃES, 20.—(atrasado)—Reúnem no dia 26 de Agosto os operários da especialidade de calçado, para resolver qual a percentagem a reclamar do patronato, ficando resolvido pedir 30 %, sobre os actuais salarios. Como não tivessem obtido uma resposta satisfatória, foram os industriais procurados por uma comissão composta por Felisberto Baptista e Amílcar Pereira Dias, delegados do Comitê Federal do Norte, que devido as difficuldades inerentes da situação actual, não podiam atender a reclamação.

A classe reunida novamente em assembleia geral, resolveu prorrogar o prazo até 6 do corrente. Depois de avisados novamente os industriais, a classe voltou a reunir no dia 9, resolvendo aceitar o aumento de 2900 \$ em par de homem e 1850 na obra de crista.

Amílcar Pereira Dias, num bom discurso fez ver as vantagens da organização operária e a necessidade dos operários se associarem, e de enviarem os seus delegados ao próximo congresso corporativo.

Um petardo

contra uma barbearia

Rebentou, cerca da 1,30 horas da madrugada, um petardo contra uma barbearia da rua dos Poiaes de São Bento, 92. A explosão danificou bastante a barbearia, tendo os estilhaços quebrado alguns vidros nos prédios das imediações.

Encusado será acentuar a nossa divergência por estes processos que jámais duma vez energeticamente verberámos.

Os socialistas e a Paz

Continuando a effectivação dos actos pró-Paz, segundo as deliberações das internacionais socialistas e operárias de Londres e Amsterdam, o Partido Socialista Português promove hoje, pelas 21 horas, na Universidade Livre, uma conferência publica usando da palavra o sr. Amâncio de Alpoim.

Rússia sovietista

A sua politica económica

RIGA, 24.—Foi suspensa a exportação de trigo e cereais russos, porque o governo pretende causar a baixa no preço dos trigos e cereais dos mercados internos. Os russos tencionam também manter grandes stocks para os lançar oportunamente nos mercados europeus prejudicando os exportadores americanos, como já o fizeram no ano passado.

Revolução na Bulgária?

CONSTANTINOPLA, 24.—Corre aqui o boato, não confirmado, que o rei Boris tinha sido assassinado. Foi declarado o estado de sitio em toda a Bulgária, havendo por toda a parte collosões violentas entre os partidarios e os oponentes da autonomia da Macedonia e entre comunistas e conservadores. Todo o exercito está mobilizado, esforçando-se por manter a ordem.

Os bárbaros

ROMA, 24.—Os fascistas assaltaram a sede da Associação dos Ex-Combatentes da Grande Guerra, em Foll. Também impediram, violentamente, que se realizassem as eleições municipaes em Savignone, aterrorizando toda a população.

A Federação Internacional dos Trabalhadores dos Transportes e o Esperanto

Declaração feita em Esperanto por Nathaus, secretário da F. I. T. I., ao IV Congresso dos Esperantistas Avançados, realizado em Bruxelas, de 14 a 18 de Agosto de 1924

Camaradas: É a primeira vez que explico os meus pensamentos por intermédio do Esperanto, por isso peço que me perdoem por possíveis erros. Repetição-me por poder representar aqui a Federação Internacional dos Trabalhadores dos Transportes e por trazer-lhes os seus bons desejos pelo vosso trabalho. Pessoalmente rejubilo porque posso avaliar da praticabilidade da língua auxiliar num congresso internacional.

A questão da língua é importantíssima para as organizações como a nossa Federação. Reorganizada em 1919, ela conta agora mais de 2 milhões de aderentes (ferroviários, marinheiros, contadores, etc.), e os seus membros trabalham em todos os continentes, em 64 organizações e de 28 países.

Não só na Europa, mas ultimamente mesmo noutros países não europeus, aderiram — em resultado do nosso trabalho de propaganda — várias outras organizações, como: trabalhadores dos transportes da América do Norte e da América do Sul, ferroviários e marinheiros argentinos, ferroviários da Palestina e os marinheiros da Austrália.

Segundo informações recebidas estão sendo discutidas pelos marinheiros a adesão, e pelos ferroviários a adesão.

Porém, há da nossa parte bem a consciência de que ainda estamos no começo do nosso trabalho internacional e que só o número não basta para atingir o fim em vista, mas que as qualidades morais desempenham o mais importante e decisivo papel na luta de classes.

Somos suficientemente modestos para compreender que, até agora, somente assentamos as bases para a união internacional dos trabalhadores dos transportes; mas também o sempre crescente número de organizações aderentes demonstra que estamos em bom caminho.

Compreende-se, pois, que o problema da língua é importantíssimo para nós. Repetir, camaradas, que nós publicamos um Boletim mensal de 16 páginas, editado em alemão, inglês, francês e espanhol.

Este ainda não é suficiente, porque o último congresso dos ferroviários suecos decidiu editar também um Boletim em língua sueca.

A tiragem total, pois, daquele Boletim é de mais de cinco milhões de exemplares. Ainda mais: semanal ou quinzenalmente editamos gazetas de informação, em francês, contendo esclarecimentos acerca das ações e faltas mais importantes. Publicamos brochuras de todos os tipos, relatórios com os resultados dos nossos inquéritos, etc., algumas vezes em cinco ou seis línguas.

Os resultados das reuniões dos dirigentes da F. I. T. I., são sempre traduzidos nas línguas: inglesa, francesa e alemã, nos nossos congressos, em francês, alemão, inglês, suco, espanhol e italiano.

Os nossos «bureaux» correspondem sempre em todas as línguas e, ainda na Holanda, e de há algum tempo já também em Esperanto, sendo, além disso, feitas traduções de diários e de relatórios.

Sem hesitar eu confesso que este trabalho de traduções não só nos traz grande perda de dinheiro, que ainda hoje é necessário, mas também que o problema da língua dificulta grandemente o nosso trabalho. As traduções exigem muito dinheiro e muito tempo. Elas di-

(Serviço de informação da Sociedade Operária Nova Voz).

Peniche

Organizando os operários da indústria de conservas

PENICHE, 19. — Na sede do Sindicato dos Operários da Indústria de Conservas desta localidade, realizou-se uma sessão de propaganda, pró-constituição da respectiva Federação, à qual assistiram 2 delegados de Setúbal António Fontinha de Castro e Joaquim da Conceição Sabino.

Aberta a sessão pelas 22 horas os dois camaradas delegados fizeram ver qual o motivo da sua presença nesta localidade. Falando, em primeiro lugar, o camarada Sabino, dissertando sobre as vantagens que a classe pode advir com a fundação da Federação de Indústria criticando os metalúrgicos profissionais pela forma que se tem portado para com a classe dos soldados porquanto não querem ingressar nos mesmos sindicatos.

António Fontinha também pediu à classe para dar desde já a sua adesão ao Congresso que se há de realizar nos dias 26, 27 e 28 do próximo mês de Outubro.

Adriano Ferreira da Silva fez também o parecer, dando uma carga cerrada aos industriais, e principalmente aos encarregados por consentirem crianças a trabalhar em serviços pesados demais para as suas forças. Exortou a classe a não consentir estas selvagerias dentro das fábricas.

Por fim foi resolvido nomear um delegado, sendo resolvido ir Aníbal do Carmo José, — C.

Braga

O estado da organização operária

BRAGA, 21. — Cada vez se sente mais a necessidade de o operariado desta localidade despertar para os seus deveres sindicais. A organização operária deixa muito a desejar. Um certo comodismo se apoderou dos militantes operários. Há que reagir. Por exemplo o S. U. Metalúrgico, após o último movimento grevista, ainda não deu sinal de si. Raras excepções. Os salários são irrisórios e as 8 horas de trabalho são desprezadas em quase todas as oficinas, encontrando-se nas mesmas condições a secção de São Jerónimo de Real.

Um operário mobiliário ganha em média 12\$00 e 15\$00, trabalhando-se em quase todas as casas duas horas suplementares.

O S. U. da Construção Civil não está melhor, mas parece estar agora disposto a despertar para a luta imprimindo-se-lhe aquela vitalidade que é preciso.

A Liga das Artes Gráficas há bastante tempo que se encontra desorganizada, percebendo em média um operário 7\$50 e 10\$00, no respectivo às 8 horas e o mesmo. A U. S. O. também não tem vida. É o reflexo dos sindicatos.

No meio de tudo isto alguma coisa se faz.

Os únicos sindicatos organizados são os de Calçado, Couros e Peles e Chapeleiros, os quais estão tratando da fundação de uma escola nocturna para os seus alunos.

Cova da Piedade

O proceder dum médico

COVA DA PIEDADE, 24. — Nas obras do novo Arsenal do Alentejo, deu-se há dias um desastre. O servente de pedreiro António Martins, foi colhido por uma pedra ficando muito contuso pelo corpo. Foi levado por dois operários ao médico da marinha sr. Vinhais, o qual segundo se diz não o tratou como devia, assim como tratou inconvenientemente a família do ferido.

O operário António Martins passou dias, de entrada no hospital de São José, onde faleceu derivado à pouca importância que o sr. Vinhais ligou aos ferimentos.

O povo trabalhador desta localidade encontra-se muito agitado, censurando asperamente o procedimento do médico.

Se os operários que trabalham nas obras do novo Arsenal do Alentejo, fossem todos sindicados, já não se consentiriam estes casos tão revoltantes.

Sobre uma carta

Tem sido muito comentado o relato publicado em A Batalha no dia 4 do corrente sobre as festas da Senhora da Piedade.

Tivemos conhecimento que a direcção da Sociedade Filarmónica União Pizense enviou para este jornal uma carta desmentindo as nossas afirmações, as quais continuamos a manter: que a comissão era composta de fiscais das subsistências e um ex-militante.

Praia da Nazaré

No regime da agressão

PRAIA DA NAZARÉ, 23. — A série já bastante extensa de desmandos e incorrências perpetradas pela autoridade marítima desta praia tende a aumentar cada vez mais.

Assim, ainda não estamos refeitos da péssima impressão causada pela revoltante arbitrariedade praticada pelo capitão do porto de haver espancado brutalmente um pescador dentro do seu gabinete, facto que a Batalha circunstanciadamente relatou, e já temos a registar um novo caso de agressão corporal consumado por dois dos subordinados daquele senhor na pessoa de um pobre homem, quando pretendia dar satisfação na praia a uma necessidade fisiológica. Tal acto não podia justificar tanta violenta intervenção da autoridade, porquanto verifica-se a circunstância de se haver uma repressão pública quasi no extremo da vila. A moral pública nada sofreu — pela simples razão de ser de noite quando o caso se passou, — e o que é mais importante para o caso: a criatura em referência não opoz o mínimo gesto que pudesse ser levado à conta de resistência à autoridade. — C.

Dentes artificiais

Importação directa. Muito mais baratos, colocados e aptos a substituição sem despesa de extracção e consulta.

BERNARDINO NUNES. Rua da Palma, 40, 1.º.

CRONICA DE COIMBRA

A BARBARIA DAS TOURADAS

Do vergonhoso silêncio dos intelectuais aos aplausos da multidão inconsciente

COIMBRA, 20. — Esta afamada cidade a terra da ciência, da luz, dos poetas que clamam o sentimento humano — a cidade intelectual, numa paradoxal manifestação de regressão, bate palmas freneticamente: vai possuir uma praça de touros!

E essa ideia bárbara, produto odioso dum pasmoso inconsciente radica no fundo, encontrou acolhimento!

Sim, a desmoralização acentua-se. E começa — triste é dizê-lo — pelos intelectuais, por aqueles que mais têm a obrigação de resistir aos instintos bestiais que parecem despertar num impeto feroz e sanguinário.

O povo — o povo inculto — esse não admira que se embriague com a promessa de ter touradas. E não admira, porque se manifesta nele a mesma ancestral influência dumha sociedade cheia de imperfeições e anomalias.

Só uma boa educação poderia fazer adormecer a bestialidade humana, e mas como educar o povo, se ele está preso a sua condição de escravo, sem direito à luz?

Que o povo inculto não proteste compreende-se, pois o problema da educação racional ainda não está solucionado.

Agora, que os chamados intelectuais, os que por obrigação moral deviam trabalhar no sentido do aperfeiçoamento da espécie apoiem com um significativo silêncio, tão triste manifestação de barbaria — é que se nos torna penoso registar. Porque é retrocesso, negação do belo espírito deste século XX!

Vai pois Coimbra possuir um anti-teatro para espectáculos bárbaros, imorais, criminosos, e os intelectuais desta cidade mantêm-se no silêncio cobarde ou cúmplice, negando-se a própria mentalidade.

Não importa essa atitude. As classes trabalhadoras, pelos seus elementos mais cultos, saberão protestar, marcar o seu lugar no combate a essa infâmia e abjecto propósito.

E ficará registado como uma bela manifestação dos seus meios de emancipação social essa atitude cheia de nobreza.

Reclames

Nada há que seja capaz de desviar as atenções do público do teatro Maria Vitória, do Avenida Parque que continua enchendo à cubna, nas sessões. Ho e repete-se, ali, a famigerada revista «Rêves», com o seu impagável quadro novo «A Rapieira» que tem pilhas de graça e está causando verdadeira sensação.

— Amanhã, no São Luís, a pedido, efectua-se uma única representação da sensacional peça histórica Maria Antonieta, que é o maior e o mais brilhante êxito da actual temporada teatral.

— Está marcada para amanhã no Eden Teatro, a primeira representação da magnífica «O Bolo Rei», original de Ernesto Rodrigues, Félix Lermudes, João Bastos e Henrique Roldão, escritores epitumosos de consolidada fama, que pela primeira vez, cultivam esse género teatral. Tem o «O Bolo Rei» música do inspirado maestro Wenceslau Pinto, e a peça, ensaio por Otelo de Carvalho, será representada por toda a sua companhia, e com um deslumbrante guarda-roupa confeccionado e surpreendentes cenários de Salvador e Mergulhão.

— No teatro São Luís da hoje, definitivamente a sua última representação a encantadora peça Montmartre que não deve deixar de ir apreciar quem se prese de ler bom gosto, ao mesmo tempo que admira o primoroso trabalho que, nele apresenta a insigne actriz Palmira Bastos.

— O homem do papagaio em scena no Politeama continua obtendo um grandioso sucesso. Quem quiser rir um bocadinho com gosto deve ir hoje ao Politeama ver o desempenho da farça de Lepina que é agradável.

— Tendo ontem retirado do teatro Apolo muitas pessoas sem bilhete por se ter esgotado a lotação daquele teatro onde devia ser levada, em última representação, a magnífica peça cinematográfica «O Combóio n.º 6», a Empresa resolveu dar ainda hoje a admirável peça para, assim, satisfazer o público frequentador daquela casa de espectáculos.

— O homem do papagaio em scena no Politeama continua obtendo um grandioso sucesso. Quem quiser rir um bocadinho com gosto deve ir hoje ao Politeama ver o desempenho da farça de Lepina que é agradável.

— Tendo ontem retirado do teatro Apolo muitas pessoas sem bilhete por se ter esgotado a lotação daquele teatro onde devia ser levada, em última representação, a magnífica peça cinematográfica «O Combóio n.º 6», a Empresa resolveu dar ainda hoje a admirável peça para, assim, satisfazer o público frequentador daquela casa de espectáculos.

— O homem do papagaio em scena no Politeama continua obtendo um grandioso sucesso. Quem quiser rir um bocadinho com gosto deve ir hoje ao Politeama ver o desempenho da farça de Lepina que é agradável.

— Tendo ontem retirado do teatro Apolo muitas pessoas sem bilhete por se ter esgotado a lotação daquele teatro onde devia ser levada, em última representação, a magnífica peça cinematográfica «O Combóio n.º 6», a Empresa resolveu dar ainda hoje a admirável peça para, assim, satisfazer o público frequentador daquela casa de espectáculos.

— O homem do papagaio em scena no Politeama continua obtendo um grandioso sucesso. Quem quiser rir um bocadinho com gosto deve ir hoje ao Politeama ver o desempenho da farça de Lepina que é agradável.

— Tendo ontem retirado do teatro Apolo muitas pessoas sem bilhete por se ter esgotado a lotação daquele teatro onde devia ser levada, em última representação, a magnífica peça cinematográfica «O Combóio n.º 6», a Empresa resolveu dar ainda hoje a admirável peça para, assim, satisfazer o público frequentador daquela casa de espectáculos.

— O homem do papagaio em scena no Politeama continua obtendo um grandioso sucesso. Quem quiser rir um bocadinho com gosto deve ir hoje ao Politeama ver o desempenho da farça de Lepina que é agradável.

— Tendo ontem retirado do teatro Apolo muitas pessoas sem bilhete por se ter esgotado a lotação daquele teatro onde devia ser levada, em última representação, a magnífica peça cinematográfica «O Combóio n.º 6», a Empresa resolveu dar ainda hoje a admirável peça para, assim, satisfazer o público frequentador daquela casa de espectáculos.

— O homem do papagaio em scena no Politeama continua obtendo um grandioso sucesso. Quem quiser rir um bocadinho com gosto deve ir hoje ao Politeama ver o desempenho da farça de Lepina que é agradável.

— Tendo ontem retirado do teatro Apolo muitas pessoas sem bilhete por se ter esgotado a lotação daquele teatro onde devia ser levada, em última representação, a magnífica peça cinematográfica «O Combóio n.º 6», a Empresa resolveu dar ainda hoje a admirável peça para, assim, satisfazer o público frequentador daquela casa de espectáculos.

— O homem do papagaio em scena no Politeama continua obtendo um grandioso sucesso. Quem quiser rir um bocadinho com gosto deve ir hoje ao Politeama ver o desempenho da farça de Lepina que é agradável.

— Tendo ontem retirado do teatro Apolo muitas pessoas sem bilhete por se ter esgotado a lotação daquele teatro onde devia ser levada, em última representação, a magnífica peça cinematográfica «O Combóio n.º 6», a Empresa resolveu dar ainda hoje a admirável peça para, assim, satisfazer o público frequentador daquela casa de espectáculos.

— O homem do papagaio em scena no Politeama continua obtendo um grandioso sucesso. Quem quiser rir um bocadinho com gosto deve ir hoje ao Politeama ver o desempenho da farça de Lepina que é agradável.

— Tendo ontem retirado do teatro Apolo muitas pessoas sem bilhete por se ter esgotado a lotação daquele teatro onde devia ser levada, em última representação, a magnífica peça cinematográfica «O Combóio n.º 6», a Empresa resolveu dar ainda hoje a admirável peça para, assim, satisfazer o público frequentador daquela casa de espectáculos.

NA PROVINCIA E NOS ARREDORES

CRONICA DE COIMBRA

A BARBARIA DAS TOURADAS

Do vergonhoso silêncio dos intelectuais aos aplausos da multidão inconsciente

COIMBRA, 20. — Esta afamada cidade a terra da ciência, da luz, dos poetas que clamam o sentimento humano — a cidade intelectual, numa paradoxal manifestação de regressão, bate palmas freneticamente: vai possuir uma praça de touros!

E essa ideia bárbara, produto odioso dum pasmoso inconsciente radica no fundo, encontrou acolhimento!

Sim, a desmoralização acentua-se. E começa — triste é dizê-lo — pelos intelectuais, por aqueles que mais têm a obrigação de resistir aos instintos bestiais que parecem despertar num impeto feroz e sanguinário.

O povo — o povo inculto — esse não admira que se embriague com a promessa de ter touradas. E não admira, porque se manifesta nele a mesma ancestral influência dumha sociedade cheia de imperfeições e anomalias.

Só uma boa educação poderia fazer adormecer a bestialidade humana, e mas como educar o povo, se ele está preso a sua condição de escravo, sem direito à luz?

Que o povo inculto não proteste compreende-se, pois o problema da educação racional ainda não está solucionado.

Agora, que os chamados intelectuais, os que por obrigação moral deviam trabalhar no sentido do aperfeiçoamento da espécie apoiem com um significativo silêncio, tão triste manifestação de barbaria — é que se nos torna penoso registar. Porque é retrocesso, negação do belo espírito deste século XX!

Vai pois Coimbra possuir um anti-teatro para espectáculos bárbaros, imorais, criminosos, e os intelectuais desta cidade mantêm-se no silêncio cobarde ou cúmplice, negando-se a própria mentalidade.

Não importa essa atitude. As classes trabalhadoras, pelos seus elementos mais cultos, saberão protestar, marcar o seu lugar no combate a essa infâmia e abjecto propósito.

E ficará registado como uma bela manifestação dos seus meios de emancipação social essa atitude cheia de nobreza.

Reclames

Nada há que seja capaz de desviar as atenções do público do teatro Maria Vitória, do Avenida Parque que continua enchendo à cubna, nas sessões. Ho e repete-se, ali, a famigerada revista «Rêves», com o seu impagável quadro novo «A Rapieira» que tem pilhas de graça e está causando verdadeira sensação.

— Amanhã, no São Luís, a pedido, efectua-se uma única representação da sensacional peça histórica Maria Antonieta, que é o maior e o mais brilhante êxito da actual temporada teatral.

— Está marcada para amanhã no Eden Teatro, a primeira representação da magnífica «O Bolo Rei», original de Ernesto Rodrigues, Félix Lermudes, João Bastos e Henrique Roldão, escritores epitumosos de consolidada fama, que pela primeira vez, cultivam esse género teatral. Tem o «O Bolo Rei» música do inspirado maestro Wenceslau Pinto, e a peça, ensaio por Otelo de Carvalho, será representada por toda a sua companhia, e com um deslumbrante guarda-roupa confeccionado e surpreendentes cenários de Salvador e Mergulhão.

— No teatro São Luís da hoje, definitivamente a sua última representação a encantadora peça Montmartre que não deve deixar de ir apreciar quem se prese de ler bom gosto, ao mesmo tempo que admira o primoroso trabalho que, nele apresenta a insigne actriz Palmira Bastos.

— O homem do papagaio em scena no Politeama continua obtendo um grandioso sucesso. Quem quiser rir um bocadinho com gosto deve ir hoje ao Politeama ver o desempenho da farça de Lepina que é agradável.

— Tendo ontem retirado do teatro Apolo muitas pessoas sem bilhete por se ter esgotado a lotação daquele teatro onde devia ser levada, em última representação, a magnífica peça cinematográfica «O Combóio n.º 6», a Empresa resolveu dar ainda hoje a admirável peça para, assim, satisfazer o público frequentador daquela casa de espectáculos.

— O homem do papagaio em scena no Politeama continua obtendo um grandioso sucesso. Quem quiser rir um bocadinho com gosto deve ir hoje ao Politeama ver o desempenho da farça de Lepina que é agradável.

— Tendo ontem retirado do teatro Apolo muitas pessoas sem bilhete por se ter esgotado a lotação daquele teatro onde devia ser levada, em última representação, a magnífica peça cinematográfica «O Combóio n.º 6», a Empresa resolveu dar ainda hoje a admirável peça para, assim, satisfazer o público frequentador daquela casa de espectáculos.

— O homem do papagaio em scena no Politeama continua obtendo um grandioso sucesso. Quem quiser rir um bocadinho com gosto deve ir hoje ao Politeama ver o desempenho da farça de Lepina que é agradável.

— Tendo ontem retirado do teatro Apolo muitas pessoas sem bilhete por se ter esgotado a lotação daquele teatro onde devia ser levada, em última representação, a magnífica peça cinematográfica «O Combóio n.º 6», a Empresa resolveu dar ainda hoje a admirável peça para, assim, satisfazer o público frequentador daquela casa de espectáculos.

— O homem do papagaio em scena no Politeama continua obtendo um grandioso sucesso. Quem quiser rir um bocadinho com gosto deve ir hoje ao Politeama ver o desempenho da farça de Lepina que é agradável.

— Tendo ontem retirado do teatro Apolo muitas pessoas sem bilhete por se ter esgotado a lotação daquele teatro onde devia ser levada, em última representação, a magnífica peça cinematográfica «O Combóio n.º 6», a Empresa resolveu dar ainda hoje a admirável peça para, assim, satisfazer o público frequentador daquela casa de espectáculos.

— O homem do papagaio em scena no Politeama continua obtendo um grandioso sucesso. Quem quiser rir um bocadinho com gosto deve ir hoje ao Politeama ver o desempenho da farça de Lepina que é agradável.

— Tendo ontem retirado do teatro Apolo muitas pessoas sem bilhete por se ter esgotado a lotação daquele teatro onde devia ser levada, em última representação, a magnífica peça cinematográfica «O Combóio n.º 6», a Empresa resolveu dar ainda hoje a admirável peça para, assim, satisfazer o público frequentador daquela casa de espectáculos.

— O homem do papagaio em scena no Politeama continua obtendo um grandioso sucesso. Quem quiser rir um bocadinho com gosto deve ir hoje ao Politeama ver o desempenho da farça de Lepina que é agradável.

— Tendo ontem retirado do teatro Apolo muitas pessoas sem bilhete por se ter esgotado a lotação daquele teatro onde devia ser levada, em última representação, a magnífica peça cinematográfica «O Combóio n.º 6», a Empresa resolveu dar ainda hoje a admirável peça para, assim, satisfazer o público frequentador daquela casa de espectáculos.

— O homem do papagaio em scena no Politeama continua obtendo um grandioso sucesso. Quem quiser rir um bocadinho com gosto deve ir hoje ao Politeama ver o desempenho da farça de Lepina que é agradável.

— Tendo ontem retirado do teatro Apolo muitas pessoas sem bilhete por se ter esgotado a lotação daquele teatro onde devia ser levada, em última representação, a magnífica peça cinematográfica «O Combóio n.º 6», a Empresa resolveu dar ainda hoje a admirável peça para, assim, satisfazer o público frequentador daquela casa de espectáculos.

— O homem do papagaio em scena no Politeama continua obtendo um grandioso sucesso. Quem quiser rir um bocadinho com gosto deve ir hoje ao Politeama ver o desempenho da farça de Lepina que é agradável.

— Tendo ontem retirado do teatro Apolo muitas pessoas sem bilhete por se ter esgotado a lotação daquele teatro onde devia ser levada, em última representação, a magnífica peça cinematográfica «O Combóio n.º 6», a Empresa resolveu dar ainda hoje a admirável peça para, assim, satisfazer o público frequentador daquela casa de espectáculos.

Ponte de Sôr

O administrador protege a G. N. R. e lesa o povo

PONTE DE SÔR, 23. — Hoje ao arrumar as nossas ocupações fomos dar um passeio pela vila, no intuito de encontrar algum conhecido ou amigo que nos pudesse elucidar sobre uns rumores que tínhamos ouvido acerca do sr. José Sabino Fontes. — Fomos felizes, pois não tínhamos andado muito quando o deparámos com uma criatura que merecendo-nos todo o conceito e como que adiuvando o nosso intento nos dirige estas palavras:

— Então A Batalha tem vindo agora boa a respeito da terra, hein? Parece que se zanga muito com A Batalha e o nosso camaradinho Fontes.

«Pois saiba — disse-nos o nosso informador — que no posto da guarda republicana de Ponte de Sôr, existe um depósito de farinhas, azela, legumes, bacalhau, mercadorias, etc., tudo isto fornecido pelo administrador de concelho José Sabino Fontes, sendo tudo para vender à corporação da guarda aqui aquartelada e mais barato do que vende ao povo.

Resposta nossa: É que o Fontes sabe da precária situação dessa corporação e como gosta de armar também em benefício, vá de fornecer tudo mais barato à guarda; por essa parte temos que lhe dar um «louvor»... mas na Batalha é claro.

— O sr. Fontes não quer saber da precária situação da G. N. R. ou que ele por certo quer e as costas guardadas e também aproveitar-se, para guardar nos seus cofres o prejuízo que causa ao resto do comércio local. Está pois como vê praticando um crime e bem revoltante que devia merecer a repulsa de todas as pessoas que não usem os processos dele.

— Mas então um administrador?... — disse-nos não apresentando uma grande surpresa.

— Esse sr. Fontes está abusando demais do cargo e a nosso ver o povo não deve alhear-se desse assunto.

— O homenzinho com certeza não andará tranquilo, tal é a avalanche de crimes que tem praticado.

Responde o nosso amigo: — Tranquilo anda, pela parte que respeita ao povo, pois que já uma ocasião lhe ouvi dizer que conhecia muito bem a força deste povo.

— O que por agora nos parece ser mais conveniente, é advertir o ministro do Interior de que deve imediatamente demitir José Sabino Fontes de administrador do concelho de Ponte de Sôr, pois que a estada de tal cavalheiro naquele lugar poderá trazer sérias consequências!

Sem dúvida; diz-nos o nosso amigo. E despedimo-nos. — C.

PRO' SOLIDARIEDADE

a MANUEL RAMOS

Reuniu a comissão de auxílio a Manuel Ramos (Lisboa) que tomou várias deliberações, entre elas pedir a todos os organismos a quem enviou circulares a fim de responderem no mais curto prazo de tempo.

Registou o donativo de 20\$00 do camarada Joaquim da Silva e resolveu avisar os camaradas que queiram auxiliar Manuel Ramos de que devem enviar os seus donativos para Félix António Fernandes, Calçada do Combro, 38-A, 2.º, ou para Laurentino Pinto, Rua da Moeda, 48, 2.º (Coimbra).

A comissão de Coimbra Pró Solidariedade a Manuel Ramos reuniu em 22 do corrente tomou conhecimento das respostas dos seguintes organismos a quem enviou circulares: Federação Corticeira e Associação dos Corticeiros de Aldegaleta.

Esta comissão espera que todos os organismos e camaradas a quem foram enviadas listas, correspondam o mais depressa possível, pois que o julgamento do referido camarada está para breve, não possuindo este a quantia necessária para enfrentar as enormes despesas, que o mesmo acarreta.

Obra que todos os que queiram ter saúde, devem possuir.

Facilitamos a compra deste maravilhoso livro aos menos endinheirados, vendendo a prestações. — 3 meses de crédito! Custo da obra, 300\$00.

A pronto pagamento o desconto de 10 \$00.

Único depositário em Portugal — JOAQUIM CARDOSO — LIVRARIA RENASCENÇA — Rua dos Poiais de São Bento, 27-2 — LISBOA, onde podem ser dirigidos todos os pedidos, e a venda, brevemente na

administração de A BATALHA

administração de A BATALHA

administração de A BATALHA

administração de A BATALHA

administração de A BATALHA

administração de A BATALHA

administração de A BATALHA

administração de A BATALHA

administração de A BATALHA

administração de A BATALHA

administração de A BATALHA

administração de A BATALHA

administração de A BATALHA

Agenda de A BATALHA

IMPORTANTE

SEGURO MARITIMOS

«A MUNIAL» participa a todos os seus clientes que celebraram contratos com os mais importantes resseguradores, ficando assim habilitada a cobrir os riscos marítimos em condições das mais vantajosas e dentro da máxima garantia.

Vantagens especiais em apólices fluctuantes.

Dirigir-se a



A MUNIAL

COMPANHIA DE SEGUROS
Capital integralmente realizado, Esc. 500.000\$000—Reservas, Esc. 749.051\$800,9

SEDE EM LISBOA DELEGAÇÃO NO PORTO

Rua Garrett, 95—Tel. 3894 R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

MOVEIS E ESTOFOS

FREDERICO FERREIRA

ESTOFADOR e DECORADOR PROFISSIONAL

Mobiliás de casa de jantar, quarto, sala e escritório. Encarrega-se de todo o trabalho concernente à sua arte, pelo sistema inglês, assim como olear e ornamentar casas completas

Antigo fabricante de MAPLES em todos os géneros

Rua Passos Manuel, 41 e 43 — Telef. N. 1359

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindíssimas, formados dos mais famosos fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, nove modelos americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

ESPECIALIDADE EM CHAPEUS DE SEDA E FLAMÃO



Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 2.ª A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegro, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

ALIANÇA

A MELHOR MARCA DE

Bolacha
Biscoito
Chocolates
Confetarias
Açúcares
Massas

SOCIEDADE INDUSTRIAL ALIANÇA
LISBOA-PORTO

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

Serviço dos Armazéns Gerais

Concurso para a adjudicação da compra de 20.000 travessas de pinho em branco

ANUNCIO

Pelo presente anúncio se faz público que no dia 8 do próximo mês de Outubro pelas 13 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sua sede, rua de São Mamede n.º 63, ao Caldas, Lisboa, se há de proceder a concurso público para a adjudicação da compra de 20.000 travessas de pinho em branco, em 83 lotes de 1.000 travessas.

Para ser admitido à licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até às 15 horas do último dia útil anterior ao do concurso o depósito provisório de 350\$00 por cada lote.

Concurso para a adjudicação da compra de lâmpadas eléctricas

ANUNCIO

Pelo presente anúncio se faz público que no dia 29 do corrente mês de Setembro pelas 13 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sua sede, rua de São Mamede n.º 63, ao Caldas, Lisboa, se há de proceder a concurso público para a adjudicação da compra de 8.160 lâmpadas eléctricas.

Para ser admitido à licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até às 15 horas do último dia útil anterior ao do concurso o depósito provisório de 800\$00.

As propostas devem ser feitas em papel selado ou com um selo de 1\$50 devidamente inutilizado.

O concorrente a quem for feita a adjudicação terá de reforçar o seu depósito provisório com a quantia necessária para prefezer 5 oje da importância total da adjudicação, constituindo assim, para garantia do respectivo contrato, um depósito definitivo, que ficará à ordem da Direcção do Sul e Sueste, por intermédio da qual será posteriormente transferido para a Caixa Geral dos Depósitos.

O reforço indicado deverá efectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido realizado o depósito provisório.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes no Serviço dos Armazéns Gerais, calçada do Correio Velho, 17, 1.º, Lisboa e na Direcção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias úteis, das 11 às 16 horas.

Lisboa, 9 de Setembro de 1924.

O Engenheiro Chefe do Serviço de Armazéns Gerais, (a) Feio Terenas.

PURGAÇÕES

= E =

PROSTATITES

Curam-se radicalmente na Farmácia Ultramarina — Rua de São Paulo, 101. Purgações, 4 dias. Prostatites, 21 dias. Antigas ou recentes curam-se sempre.

Lêde o Suplemento de «A Batalha»

— A' —

grande baixa de calçado

só com o lucro de 10 %

NA - SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora . . . 30\$00
Sapatos em verniz . . . 38\$00
Botas pretas, (grande salto), . . . 48\$50
Botas brancas, (salto), . . . 28\$00
Grande salto de botas pretas . . . 58\$50
Botas de couro para homem . . . 48\$50

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outra casa.

Vêr bem, pois só lá se encontra bom e barato.

A SOCIAL OPERARIA é na rua dos Cavaleiros, 18-20, com Filial na mesma rua n.º 99.

Para conseguir cabeleiras assim



Usae o Oleo de Mão de Uva

Evita a queda dos cabelos promovendo o seu desenvolvimento, tornando-os brilhantes e flexíveis e evitando a caspa.

50 anos de venda asseguram os seus bons efeitos

Frascos 2.200. Para a provincia 3.200

Perfumaria Mendonça

— 43, CALÇADA DO COMBRO, 47

LISBOA

CALÇADO

A Sapataria do Calhariz

a 25\$00 grande lote de sapatos em verniz, abotinados, salto Luis XV.

a 7\$500 botas em calf, preto, forma da moda, 2 gáspes e 2 solas corridas, cujo valor é de 10\$00.

a 30\$00 sapatos de verniz abotinados e c. IX, para senhora, cujo valor é de 60\$00.

a 55\$00 sapatos de calf cor da moda, cujo valor é de 80\$00.

a 59\$50 grande lote de botas, sola.

Desde 6\$00 sapatos para criança

FOOT-BALL

Esta casa, vende botas e botas, muito mais baratas quequalquer outra casa

33, LARGO DO CALHARIZ, 33

REUMATISMO

Sifilítico, Blenorragico,

Gotoso, Articular, Artrítico, Muscular

: : tico, Muscular : :

“Reumatina”

24 horas depois não tem mais dores

“Reumatina”

E' inofensiva porque não exige dieta

Preço 8\$00

“Reumatina”

Vende-se em todas as boas farmácias e drogarias

Pó Anti-blenorragico

E' o mais poderoso combatente das blenorragias crónicas e recentes.

Resultados imediatos e comprovados pelo distinto médico operador dr. sr. Cristiano de Moraes.

Caixa 10\$00

Depósito Geral:

A. Costa Coelho

Bomjardim, 440 — PORTO

A MULHER DE LUTO

(EM VERSO)

por GOMES LEAL

2.ª edição ilustrada

Preço 30\$00, pelo correio registado 32\$

Pedidos à Administração de A Batalha

SISCOLIN

TINTA A AGUA EM PÓ

INGLESA SEM RIVAL

DEPÓSITO:

Rua dos Douradores, 177, 1.º

Ao Povo!

Fabrico manual de calçado e polainas

ENCARREGA-SE de todos os trabalhos referentes à arte; preços convidativos, descontos aos revendedores: sr. Félix Santana Marques — Rua Arco Marquês de Alegrete, 73, 1.º. Aceita-se sócio capitalista e conhecedor.

Pedras para isqueiros

A melhor marca do mercado

— Redondas ou em prancha —

Fornecidas aos quifos ou em envelopes com 100 ou em tubos de vidro

Pedidos ao importador:

J. V. Oliveira Júnior

Rua da Prata, 178, 1.º

AÇÚCAR CRISTALIZADO

ARROZ ESTRANGEIRO

ENTREGA IMEDIATA

DIONISIO VASQUES

RUA AUGUSTA, 229, 1.º

Valério, Lopes & Ferreira, L.º

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talhoes, louça esmaltada, parafusos, fundos para caldeiras, guarnições para móveis

Chapa ferro preta

— e zincada —

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para forrador, serras circulares e de fita, etc.

TELE | fone, 3930, N. gramas, FERRAGENS

84, Rua do Amparo, 86 -- LISBOA

António Fraga, S.º

Ourives-Joalheiro

RUA DA PALMA, 6 a 12

Lembro aos meus amigos e fregueses que continuo vendendo todos os artigos de ourivesaria e joalheria, por preços com os quais ninguém pode competir, embora haja quem se incomode por eu estar vendendo um barato.

Poco uma visita à minha casa.

Confrontem a qualidade d's brilhantes e os seus preços, e verão depois quem melhor e mais barato vende.

Tenho sempre artigos em 2.ª mão renovados com pouco feitiço.

Não confundir, primeira casa Fraga, subindo a Rua da Palma.

Lenhas de sobro e azinho

SECAS, postas à porta do freguês a 22 centavos o quilo. Pinhas, cubos para carroças, maços para calceteiros. Pedidos a António F. da Cruz, Largo do Conde Barão, 40. — Telef. C 1245.

A's fábricas de calçado e armazens de cabedais

PESSOA séria, conhecedora do artigo e boas referências, encarrega-se de vendas à comissão, tem escritório e armazem próprio, para calçado e cabedais. (Informações), Rua Arco Marquês de Alegrete, 73, 1.º. Aceita-se sócio capitalista e conhecedor.

Esmalte Inglês

SUPERIOR em 44 cores

QUALIDADE ESPECIAL PARA AUTOMOVEIS

DEPÓSITO:

Rua dos Douradores, 177, 1.º

Papel "Águia de Ouro"

E' o melhor papel de fumar para os trabalhadores

Excelente apresentação, em livrinhos de 120 folhas

PEDIR EM TODA A PARTE

A AGENCIA ALMEIDA

Faz grandes descontos a quem for sócio ou confederado na C. G. T. ou assinante de A Batalha e suas famílias.

Funerais nos Hospitais, Morgue e particulares. Trasladações-córeas. Preço muito resumido por possuir todos os utensílios. — Telef. 73-Benfica. — R. Alves Correia, 189 (Vulgo São José). — Empregado a qualquer hora da noite.

desgraçado país... Se não devo torná-lo a ver, senhor, se tiver de sair desta casa onde pelo menos poderia chorar em paz ao abrigo das vergonhas e das misérias da escravidão, não tenho outro recurso senão morrer.

— Eu não quero que tu, tendo servido de segunda mãe a meu filho, desespere desse modo, Rosen-Aer, eis o que julgo mais prudente: Durante a minha ausência tu sairás de Narbona. Nós vamos ao encontro dos francos; o nosso exército é valoroso, mas a vontade de Deus é imutável; eles podem vencer-nos, perseguir-nos, sitiar esta cidade e entrarem nela. Então, tu, como todos os habitantes, ficarão expostos à sorte daqueles que se encontram numa cidade tomada de assalto: esta sorte é a morte ou o cativeiro. Para não te expores a tais perigos, ofereço-te conduzir-te daqui diante algumas léguas, a um lugar reservado, a casa de um dos colonos gaulêses que cultivam as minhas terras.

— As suas terras! replicou Rosen-Aer com amargura, diga antes as terras de que os guerreiros se apoderaram pela força.

— Tal foi a vontade de Deus.

— Ah! para o senhor e para a sua raça, Abd-el-Kader, eu peço que a vontade de Deus lhes poupe a dor de ver um dia os campos de seus pais à mercê dos conquistadores!

— Os desígnios de Deus só a ele pertencem... O homem sujeita-se. Se Deus permitir que na próxima batalha contra Karl-Martel fiquemos vitoriosos, tu voltarás a Narbona; se formos vencidos, se eu for morto no combate, se tivermos de ser expulsos das Gálias, tu não terás nada a temer na solidão para onde te mando. O colono, assim como tu, é de raça gaulêsa, é homem honrado. Ficarás em companhia dele e da sua família... Aqui tens um saquinho cheio de peças de ouro; ainda que vivesses cem anos não servirias de peso a esse colono, e lembrar-te-hás sempre de mim como de um homem humano.

— Lembrar-me-hei do senhor Abd-el-Kader como

de um homem generoso, a pesar do mal que a sua raça fez a minha.

— Deus nos enviou aqui para fazer triunfar a religião pregada por Mahomet, a única verdadeira.

— Também os bispos dizem que a deles é verdadeira.

— Que o provem...; nós não lhes proibimos de pregarem as suas crenças. A fé musulmana, há apenas um século que foi proclamada, e já subjogou o Oriente quasi todo, a Espanha e uma parte da Gália... Nós somos, eu to' repito, os instrumentos da vontade divina. Se ela permitir que eu morra na próxima batalha, não nos tornaremos a ver; a pesar da minha morte, se as nossas armas triunfarem, se meus filhos me sobreviverem, tomar-te-hão a seu cargo. Ibrahim venera-te como se fosses sua mãe.

— Pois leva seu filho ainda tão novo à guerra?

— O adolescente que pode sofar um cavalo e empunhar um sabre está na idade de combater... Aceitas os meus oferecimentos Rosen-Aer?

— Aceito-os. Horrora-me a idea de cair em poder dos francos! Triste época é a nossa! não há que escolher senão a servidão. Felizes pelo menos aqueles que, como eu, encontram corações tão sensíveis.

— Faze pois os teus preparativos de viagem... Eu mesmo vou partir dentro de uma hora a frente de uma parte das nossas tropas; virei buscar-te, abandonaremos ambos esta casa, tu, para ires ter com o colono, eu, ao encontro do exército dos francos.

Quando Abd-el-Kader voltou a buscar Rosen-Aer, vinha vestido do guerreiro; trazia uma coraça de aço brilhante, e um turbante vermelho enrolado em redor do capacete dourado; ao lado pendia-lhe uma cimitarra de maravilhosos trabalho; a bainha de ouro massivo, bem como os copos, eram ornados de arabescos, de corais e de diamantes.

— O guerreiro árabe disse a Rosen-Aer comovido:

— Permite que eu te beije como se fosses minha filha

Rosen-Aer estendeu a fronte respondendo a Abd-el-Kader.

— Faço votos para que seus filhos conservem por muito tempo seu pai.

O árabe e a gaulêsa saíram ambos do harem. Fora da casa, encontraram os cinco filhos do velho; Abd-Allah, Hâsem, Abul-Casem, Mahomed e Ibrahim, o o filho mais novo, todos armados e a cavalo, vestindo por cima das armas compridas e leves capotes de lã branca com borlas pretas. O mais moço da família, adolescente de quinze anos, quando muito, apeou-se do cavalo vendo Rosen-Aer, foi pegar-lhe na mão, beijou-a respeitosamente e disse-lhe:

— Tu tens sido sempre para mim uma mãe, permite-me que te saúde como filho.

A matrona gaulêsa respondeu com as lágrimas nos olhos, pensando em seu filho Amael, que lágrima tinha quinze anos quando desapareceu do vale de Charroles:

— Que Deus te proteja, tu que ainda tão novo, vais afrontar os azares da guerra!

— «Crentes, quando fordes ao encontro do inimigo tende firmeza», diz o profeta, replicou o adolescente com voz grave e meiga. Nós vamos guerrear contra esses francos, malditos infiéis! Eu combatarei valorosamente junto de meu pai... Deus marcou o termo da nossa vida!

E o jóven árabe, depois de ter novamente beijado com respeito a mão de Rosen-Aer, ajudou-a a montar numa mula guiada por um escravo preto, que a segurava pela rédea. Então ouviu-se ao longe o ruído guerreiro das trombetas. Abd-el-Kader disse um último adeus a Rosen-Aer; depois o árabe, de quem a idade não tinha ainda enfraquecido o vigor, montou a cavalo e partiu a galope seguido de seus cinco filhos. Durante um momento ainda a gaulêsa seguiu com a vista os compridos capotes brancos que flutuavam em consequência da rápida corrida do árabe e de seus filhos; depois, quando desapareceram aos seus olhos, numa nuvem de poeira, Rosen-Aer disse ao escravo preto que

guiasse a mula para a porta de Narbona a fim de se dirigir à habitação do colono.

... Perto de um mês tinha decorrido desde a partida de Abd-el-Kader e de seus cinco filhos, que à frente do exército árabe, foram combater os francos de Karl-Martel.

Uma criança de onze a doze anos, clausurada no convento de São Saturnino, no Anjou, encostava-se ao parapeito de uma estreita janela situada no primeiro andar de um dos edificios da abadia, que deitava para o campo; o quarto abobadado onde estava esta criança era frio, vasto e lageado; a um canto via-se um pequeno leito, e sobre uma mesa alguns bonecos grosseiramente moldados em madeira bruta; escabelos e uma arca, mobilavam esta grande sala. A criança, vestida de sarja preta muito usada, e algum tanto arremendada, mostrava um aspecto doentio; as suas feições de uma palidez biliosa tinham uma expressão de profunda tristeza, olhava para os campos e as lágrimas lhe corriam pelas faces encovadas. Enquanto meditava assim, abriu-se a porta do quarto, e uma menina de dezasseis anos, quando muito, entrou de vagarinho; tinha as feições trigueiras, os lábios avermelhados, os cabelos pretos e de azevilhe, assim como os seus grandes olhos e as sobrancelhas delicadamente arqueadas; não se podia imaginar mais graciosa pessoa a pesar da sua saia de burel e do seu avental de seriguiilha desbotada, cheio de linho canhamo já pronto para ser fiado, porque a Septimina segurava a roca em uma das mãos, tendo na outra uma pequena caixa de madeira. A vista da criança, sempre tristemente encostada à janela, a menina suspirou e disse com expressão de dó:

— Pobre menino... sempre pensoso... não sei se está notícia será para ele um mal ou um bem... No caso de aceitar, possa ele jámas chorar este triste convento.

Depois, aproximou-se ligeiramente da pobre criança, sem que ela a ouvisse, assentou-lhe com gentil